



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

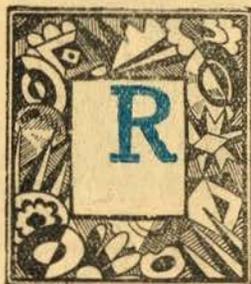
O SECULO

DE SANTA
RITA

A Princesa Rosinha

Por DYNETTE

Desenhos de A. CASTANÊ



ROSINHA era a princezinha mais triste, mais desditosa que imaginar-se possa. Deus, que lhe dera uma alma de cristal, immaculada e límpida, que a fizera um tesouro de bondade e de sisudez, dera-lhe, contudo, um rosto tão feio, lívido, repelente e bexigoso, onde somente os grandes olhos azuis tinham uma réstea de beleza, pois neles se reflectia um cantinho da sua alma maravilhosa.

Embora adorada pelo povo, pelos pobres e desprotegidos, que a achavam linda, Rosinha sofria; sentia-se isolada e só no meio das suas riquezas, do seu poder, que tantos lhe invejavam e que ela daria de bom grado em troca dum rosto como o de toda a gente, que não causasse dó ou repulsa e não desse lugar a tantas amarguras e horas de sofrimento.

Um dia, a princesa Rosinha teve um capricho (quem os não tem?) o de ir, simplesmente, acompanhada pela sua velha aia, sem págens nem arautos, percorrer um arrabalde da cidade onde mais se abrigava a pobreza.

Na sua égua de raça, mansa e bonita, ajazada com sin-geleza, envolta num grande manto de veludo negro, o ro-
sto tapado por espesso véu,

que lhe escondia as atormentadas feições, lá ia ela, seguida de perto pela ama, coração trasbordando de alegria que, por milagre de Deus, transformaria as inertes e frias moedas de ouro, que enchiam a sua bolsa, em risos e felicidade, no seio dos desvalidos a quem ia confortar.

E, mal começou a sua santa faina, um doce arroubo lhe encheu o coração, levando para longe a tristeza que, ordinariamente, o habitava, a cada lágrima que a sua bondade transformava em risos.

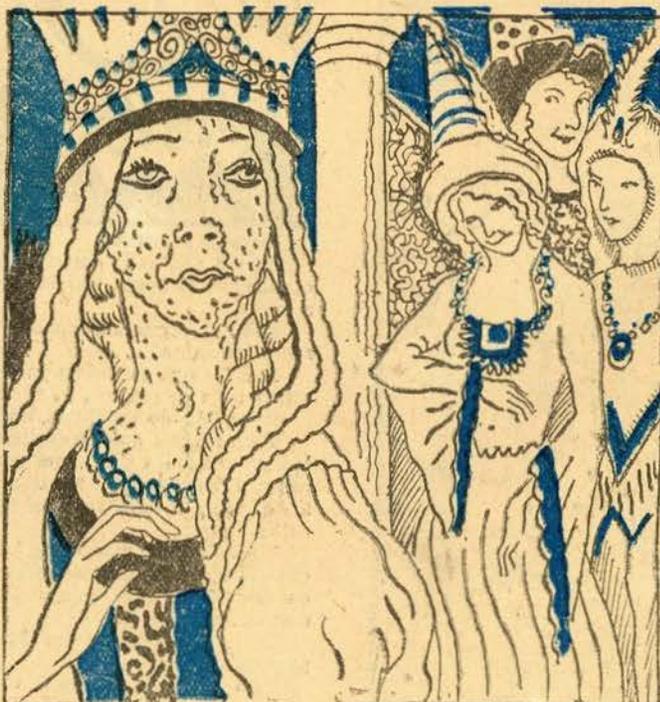
Percorreu, assim, o seu doce calvário, casa a casa, rua a rua, e, quando já esgotado o dinheiro e cançado o corpo, se dispunha a voltar para o palácio, viu, estirado nas agudas pedras do caminho, um velho de compridas barbas cõr da neve, traje aos farrapos, imundo; velho exausto de fome e de fadiga.

Prontamente, num gesto suave, desceu do seu corcei e, ajoelhando junto do mendigo, perguntou-lhe carinhosa:]

Fugia do convívio das meninas da corte; não porque invejasse a beleza que muitas delas possuíam ou lhes cobicasse os atractivos físicos que as ornavam, mas porque mais se lhe agravava a sua imensa tristeza ao ver os olhares de mofa que a seguiam ou ao ter que escutar as mentirosas palavras de adulação, dos cortejos desejosos de lhe agradar.

Custava-lhe a resignar-se com o seu destino; mas procurava no Bem o refúgio onde a sua alma se elevava acima das humanas vaidades, onde só existia uma verdadeira beleza: — a do coração.

Se, quando ataviada com os trajos da corte, voltava costas aos cortejos, bem sabia os risos escarninhos, as troças desapiedadas com que, aqueles que mais se curvavam na sua frente, não hesitavam em fazer-lhe, ridicularisando-a. Mas era sempre com o mesmo bondoso sorriso que acolhia toda a gente, coração cheio de perdão para com a maldade que se esconde em sorrisos, mil vezes mais feita do que o seu rosto desfigurado.



(Continua na pag. 4)



HELENA E MANOELA

Por TOUTINEGRA
Desenhos de CASTANÊ



São minhas vizinhas a Maria Helena e a Maria Manoela; duas encantadoras garotas, uma de 6 anos e outra de 3. Sendo irmãs contrastam nos tipos e nos gênios. Helena, a mais velha, é loura; Manoela é morena; a primeira é de gênio arrebatado, a segunda concentrada. São, no entanto, muito amigas.

Sua tia Aline prometera-lhes que, se fossem boas e não fizessem zangar a sua boa mãesinha, as levaria a passear no passado domingo.

O dia amanheceu lindo. O céu azul, a temperatura amena, convidavam a sair. Almoçaram e puseram-se a caminho. Primeiro, foram levar a esmola de alguma comida e diaheiro à tia Aninhas Moleira, velha e cêguinha há já tanto tempo. Depois seguiram e foram sentar-se sob um grande pinheiro manso, que as deleitou com a sua bôa sombra e com imensos pinhões.

Estiveram lá algum tempo e, depois de comerem a merenda que levavam, voltaram para casa.

Pelo caminho Helena e Manoela, correndo à frente da tia Aline, vinham colhendo flôres com as quais faziam, cada uma, o seu raminho para levarem à boa mamã.



Estavam radiantes.

Helena avistando uma flôr côr de rosa, muito linda e recendo que Manoela, mais próximo dela, a apanhasse, correu a colhe-la . . .

Mas . . . vermelha, com os olhos rasos de água, ergueu-se repentinamente! . . .

A mão, que estendera para colher a flôr, caindo inerte, estava tinta de sangue . . .

Essa flôr de aparência linda, era de cardo e picara-a! Furiosa com a dôr e desilusão, esqueceu o que sua mãe tantas vezes lhe dizia, que aquilo que não queremos para nós não devemos fazer aos outros e vendo, sorridente alheia à sua dôr, a irmã, chamou-a para ela vir colher a flôr do cardo.

Manoela veio; mas, como todas as acções más tem o seu castigo, Helena, tropeçando numa pedra, foi cair em cima da flôr côr de rosa, que, desfolhando-se, muito a maguou com os seus espinhos.

Aos gritos allitivos das duas, acudiu a tia que as levou para casa.

Pelo caminho, Manoela chorava sentidamente por vêr a chorar, maguada, a irmã.

Esta, vendo essas lágrimas de amor fraternal, arrependeu-se sinceramente da sua feia acção e prometeu, a si mesma, não mais tornar a sêr má.

GUILAS

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenho de CASTAÑÉ

■

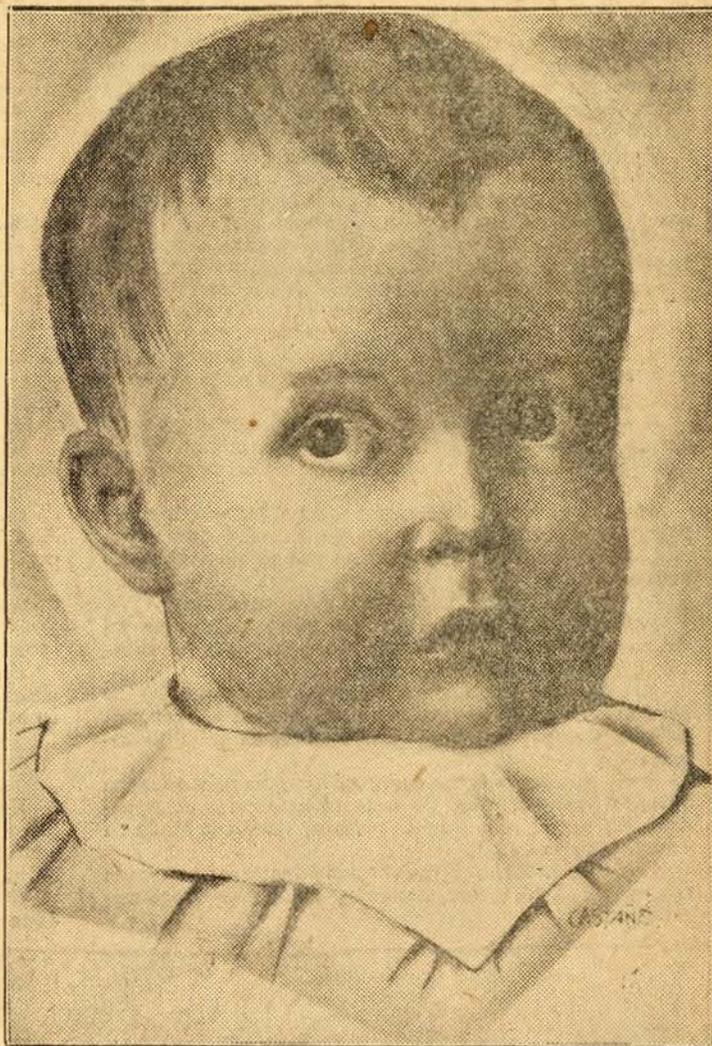
EIS o Guilas...:— um menino
que há-de vir — (se Deus quizer!) —
a ter um alto Destino!
Inda não sabe falar
mas já diz tudo o que quer',
só com o olhar!
Inda não anda, porém,
longe há-de ir;
pois já sabe medir
essã enorme distância...
a distância que vai,
numa infinita ância,
do regaço da mãe,
ao regaço do pai!

Não o tomem
por um menino vulgar,
pois já em seu olhar
o Ideal se expande.

Há-de vir a ser um Homem,
se Deus quizer;
mas Homem com H grande,
e não um homem qualquer:

Herói, Poeta ou Santo...
um Grande de Portugal!

Por enquanto,
não fez nada de mais



ou digno de relato...
mas já tem o retrato
nos jornais.

Certo dia virá
em que êle deixará
de ser o Guilas, pois,
êste é um íntimo trato.

Tratá-lo-hão, depois,
pelo seu nome, o justo,
o verdadeiro, ou seja
o da Graça da Igreja,
sua graça bemdita:
o de Guilherme Augusto
Branco de Santa-Rita.

A PRINCESA ROSINHA — (Continuado da página 1)

— Que tendes, meu irmão?

O velho ergueu a cabeça a esta interpelação e ficou espantado por ouvir aquelas estranhas palavras na boca duma senhora, que, embora vestida tão simplesmente, revelava um alto nascimento.

— Que quereis que eu tenha? Fome, desamparo, pobreza. Mas que vos importa a vós, que sois rica e provavelmente nova e poderosa, o que possa sentir um miserável como eu?—exclamou em voz baixa e irritada.

Mas Rosinha, em vez de se retirar ou indignar-se com aquela injustiça, como qualquer outra faria, respondeu em voz magoada e mais repassada ainda de doçura:

— Enganas-te, meu amigo; nem sempre a riqueza e o poder trazem consigo a felicidade. O facto de eu ser rica não impede que me interesse por ti. Sofres, logo és meu irmão, pois meus irmãos são todos os que sofrem e meus amigos os desamparados.

O velho levantou-se nos joelhos ao ouvir estas palavras e, fitando-a com espanto e reconhecimento, murmurou:

— Para falardes assim deveis sofrer muito, ou ser linda como os anjos!

Rosinha encheu-se de coragem e, num gesto lento e grave, levantou o véu que lhe encobria o hediondo rosto.

Um grito de pasmo e o mendigo pôs as mãos cheio de unção.

— Como sois linda! exclamou em voz sufocada.

Rosinha levou as mãos ao coração, que parecia partir-se-lhe no peito, e, cheia de ansiedade, interrogou o desconhecido com o olhar cheio de alvoroço.

Mas o velho, com um gesto grave e magestoso, fez-lhe por sobre a cabeça inclinada o sinal da cruz e, sem uma palavra, desapareceu como uma sombra, na volta do caminho.

A aia veio tocar-lhe no ombro, alvoroçada pela estranha atitude da princesa que, de rosto coberto pelas mãos, parecia alheada de tudo o que a rodeava, ajoelhada ainda na estrada coberta de pó.

Mas quando Rosinha tirou o rosto dentre as mãos, viu com espanto a aia recuar, chorando, rindo e repetindo maravilhada:

— Milagre! Milagre! Estais linda!!!

Rosinha, já em pé, coração batendo-lhe desabaladamente, implorou uma palavra sincera, julgando sonhar.

— O' minha velha ama, por Deus Senhor, fala a verdade, só a verdade! pediu toda a tremer.

Mas a boa velha, beijando-lhe as mãos, só sabia repetir entre soluços:

— Sois linda, linda como os anjos do Céu, filha; como a própria Virgem Maria!

Então a princezinha, cheia de fé e de arroubamento, exclamou, pondo as mãos, enquanto duas grandes lágrimas de gratidão lhe escorregavam pelas faces:

— Era Deus, era Deus! Foi Deus que eu encontrei!

E na verdade, mercê do seu belo coração, Deus, quizera esperimentá-la mais uua vez e fizera aquele milagre, recompensa das suas carinhosas palavras, lindas por serem sinceras e verdadeiras, saídas do melhor da sua alma pura.

Logo ali concertaram em não dar a ninguém a boa nova daquela transformação, pois Rosinha amava há muito, no segredo do seu coração, um jóven cavaleiro muito querido do rei e estimado na córte, que sempre se mostrara bondoso para com ela, como se fosse como qualquer outra rapariga de rosto belo e linda aparência.

Lera-lhe sempre no olhar bondade e piedade, e, longe de se juntar aos outros trocistas, dispensava-lhe um respeitoso carinho, escutando-a e distraindo-a durante as festas esarásus.

Envolvendo, pois, o rosto, agora resplandecente de formosura no véu negro e espesso, deu-se pressa em regressar ao palácio.

No dia seguinte, mal rompeu a manhã e os sinos da catedral chamaram para a primeira missa, a princesa Rosinha, envolta no seu comprido manto que lhe ocultava o rosto, foi render graças a Deus, de tão estremada ventura.

Nessa tarde havia festa no palácio, uma grandiosa festa dada em honra da Coragem e da Beleza:—um torneio.





Num dos campos do parque, (um espaço arcado e livre, chamado: Campo de Lide), os mais valorosos fidalgos do reino, iam disputar para as suas damas o título de «a mais bela».

A' hora aprazada, damas e cavaleiros enchiam as tribunas e palanquins, adornados de sêdas e colgaduras de brocado, resplandecentes nos seus trajos de gala, recamados de bordaduras de ouro e pedrarias.

As mais nobres famílias, da mais alta linhagem, reuniam-se em alegres grupos, e nos rostos das jóvens damas e donzelas, a animação e a ansiedade juntavam-se, pois em todos os olhos, verdes, negros ou azuis, brilhavam luzes de esperança.

No palanquim real, mais alto e mais ricamente ornamentado do que os outros, debaixo dum doce de sêda azul celeste, bordado a estrelas de ouro, (as côres da princesa), Rosinha escondida debaixo do mesmo negro manto, sentara-se em silêncio.

O Rei, triste e resignado, esperava que mais uma vez se dêsse a humilhação de ver ir para outra o prêmio que de direito cabia a sua filha. Era o primeiro a concordar em que Rosinha não poderia aspirar àquela prova pública de amor e lealdade, mas o seu coração de pai estremeceu de dó, pelo que êle adivinhava que deveria sentir um coração de dezoito anos, cheio de mocidade, ante aquele espectáculo de entusiasmo juvenil pela mais doce causa: o amor.

Cada cavaleiro trazia gravadas e pintadas no seu escudo as côres da sua dama escolhida: —noiva, esposa ou irmã, e zigzagueando nos cavalos, reluzentes sob o sol ardente e quente de verão, passeavam o esplendor das suas armaduras ante os olhos curiosos das damas da côrte e o pasmo dos piões, gente do povo que também vinha assistir à festa real, do alto das suas bancadas de pinho, ou em volta da liça, a pé firme.

Tocaram as trombetas de prata, em sinal de começo, uns vinte págens elegantes e belos.

Um arauto, vestido ricamente com as côres do Rei, leu em voz alta os nobres nomes dos cavaleiros que iam pelear por suas donas. E, um a um, os cavaleiros vinham cumprimentar o Rei e a dama que o seu coração escolhera e iam enfileirar-se a par uns dos outros, mudos e orgulhosos.

Quasi todas as damas e donzelas tinham já o seu defensor. Só Rosinha, angustiada e triste, pensava que de nada lhe servia o trôno e a beleza reconquistada, pois que ninguém a amaria só pelas qualidades da sua alma.

Mas, ante o pasmo geral, e os risos de troça que disfarçadamente se encobriam, um cavaleiro entrou na liça, montado garbosamente no seu cavalo negro, de armadura finamente lavrada de fina prata, segurando no braço o escudo onde se esmaltavam as côres da princesa.

Um sussuro de pasmo fez-se ouvir e entre um grupo de fidalgos um safu, que, em tom de gracejo, perguntou:

— Sois capaz de dizer que vindes pelear pela formosura da vossa dama?

— Não é pela sua formosura, mas pela sua bondade! foi a resposta altiva e firme do desconhecido cavaleiro.

— Sustentais o que dissestes? perguntou o Rei maravilhado com aquele caso e reconhecido pelo que êle pensava ser apenas um acto de piedade.

— Sustentarei até morrer, Senhor, que a princesa Rosinha é para mim a mais formosa menina d'estes reinos, pois na sua alma há mais beleza do que em todos os rostos d'este mundo.

— Deixai que vos veja o rosto, nobre cavaleiro? exclamou o Rei tremendo de comovida alegria.

E, ante a côrte pasmada, surgiu do elmo, o rosto moreno e belo do Conde Alberto, o mais garboso fidalgo daquele reino.

Rosinha assistia a tudo cheia de ansiosa comocão, embora qualquer cousa lhe segredasse que o desconhecido era o escolhido do seu coração e, quando viu que Deus não a abandonara, mais uma vez na sua imensa bondade, não pôde conter um brado de alegria:

— Combatei com valor, generoso cavaleiro, e Deus reserva-vos-há uma inesperada recompensa!

Um vozear baixinho indicava que todos discutiam o caso nunca visto, dum belo cavaleiro escolher para sua dama uma medonha criatura, e em muitos corações ambiciosos nascem a suspeita de que êle procedera assim apenas com o desejo de agradar ao Rei e ganhar, quem sabe, o caminho do trôno.

Começou o torneio.

Entraram na liça dois cavaleiros que, imediatamente,



cruzaram as lanças e perseguindo-se, combateram denodadamente. Ao vencedor, venceu-o o Conde Alberto, lançando-o abaixo do cavalo e fazendo-lhe voar a espada a muitos metros de distância. Veiu mais outro, e mais outro, e assim ininterruptamente os venceu até chegar a vez de combater o jóven fidalgo trocista que em público ousara metê-lo a ridículo.

Os rostos das damas e cavaleiros reflectiam a maior admiração, o maior pasmo por tão grande feito de armas.

E não eram poucos os rostos gentis e belos que deixavam transparecer o despeito de verem perdidas as esperanças de cingir a corôa de diamantes e ouro, que um loiro págem erguia, orgulhosamente, sobre uma almofada de veludo carmezim.

Os dois cavaleiros enristaram as lanças, e ei-los lançados em louco combate.

O moço trocista quasi desmonta Alberto com uma rija lançada, mas, logo firme nos estribos, Alberto faz-lhe voar a lança, em pedaços pelo ar, com uma leve pancada.

Jogam agora à espada, correm atrás um do outro, evitando-se, atacando, até que o defensor da princezinha, consegue desmontar o adversário, com uma forte pancada da sua espada possante.

Saltam ambos para a liça, e ali, mesmo debaixo das tribunas, ante os olhares assombrados de toda a côrte, Alberto desarma o inimigo. Brados de espanto, de cólera, alegria, terror, cruzam pelo espaço e saem de todas as bôças, mas, sereno e generoso, Alberto parte no joelho a espada com que vencera, poupando a vida ao humilhado cavaleiro, que, de olhos fitos na noiva, esperava a morte valorosamente. Os aplausos partem estrepitosos do povo e dos fidalgos; todos, à uma, celebram a corâgem e a magnanimidade do vencedor.

Tocam as trombetas de prata em honra do cavaleiro, em sinal de regosijo, e este, recebendo das mãos do Rei a corôa tão disputada, foi lentamente poisá-la na cabeça inclinada de Rosinha que escondera o rosto entre as mãos, para esconder, não a sua fealdade, mas as lágrimas de orgulho e amor, que lhe deslizavam pelas faces.

Tocam de novo os arautos um hino de glória ao vence-

dor e à eleita do seu coração, e a princesa Rosinha, com um gesto rápido, deixou cair aos pés o manto que a escondia aos olhares de todos, aparecendo radiante de formosura e graça, ante os olhares incrédulos e espantados de todos.

Vestida singelamente de brocado, as compridas tranças côr de ouro ornamentadas com fios de pérolas, Rosinha parecia uma aparição celestial, toda frescura e pureza.

O cavaleiro, que ajoelhara a seus pés, esperando que a princesa lhe estendesse a mão em sinal para se levantar, só pôde juntar as mãos em muda prece, convencido de que na sua frente, em vez do monstro de fealdade que esperava encontrar, estava um anjo dos céus, que o viera recompensar pelo seu gesto nobre e desinteressado.

Nessa mesma noite, no sarau dado em honra da maravilhosa metamorfose, ficaram combinados os esponsais da linda princezinha com o apaixonado Conde Alberto.

E, daí a três semanas, celebravam-se dois casamentos na catedral cheia de luzes, incenso, e convidados.

Pois nem só os fidalgos tinham sido convidados a assistir ao lindo casamento, também o povo, os pobrezinhos se empurravam dentro da igreja, querendo abençoar mais uma vez a sua bondosa e linda protectora.

E eu disse dois casamentos, pois que Rosinha, para melhor castigar o orgulho do trocista cavaleiro que a afrontara, lhe perdoou a morte a que estava condenado e quiz ser a madrinha do casamento que ordenou se celebrasse no mesmo dia em que, diante de Deus, se uniria ao seu noivo.

Dizer-vos que a Princesa Rosinha foi feliz, meus amiguinhos, isso é escusado, pois Deus lhe recompensou a bondade com felicidades sem par.

Em sinal de gratidão, Rosinha e o esposo fizeram gravar a ouro, na capela do palácio, estas santas verdades:

Amai-vos uns aos outros!

Perdoai aos vossos inimigos!

Protegei os fracos!

Amai os pobres.

E eis a razão porque foram sempre felizes.

HORA DE RECREIO

COLABORAÇÃO INFANTIL



GARY COOPER

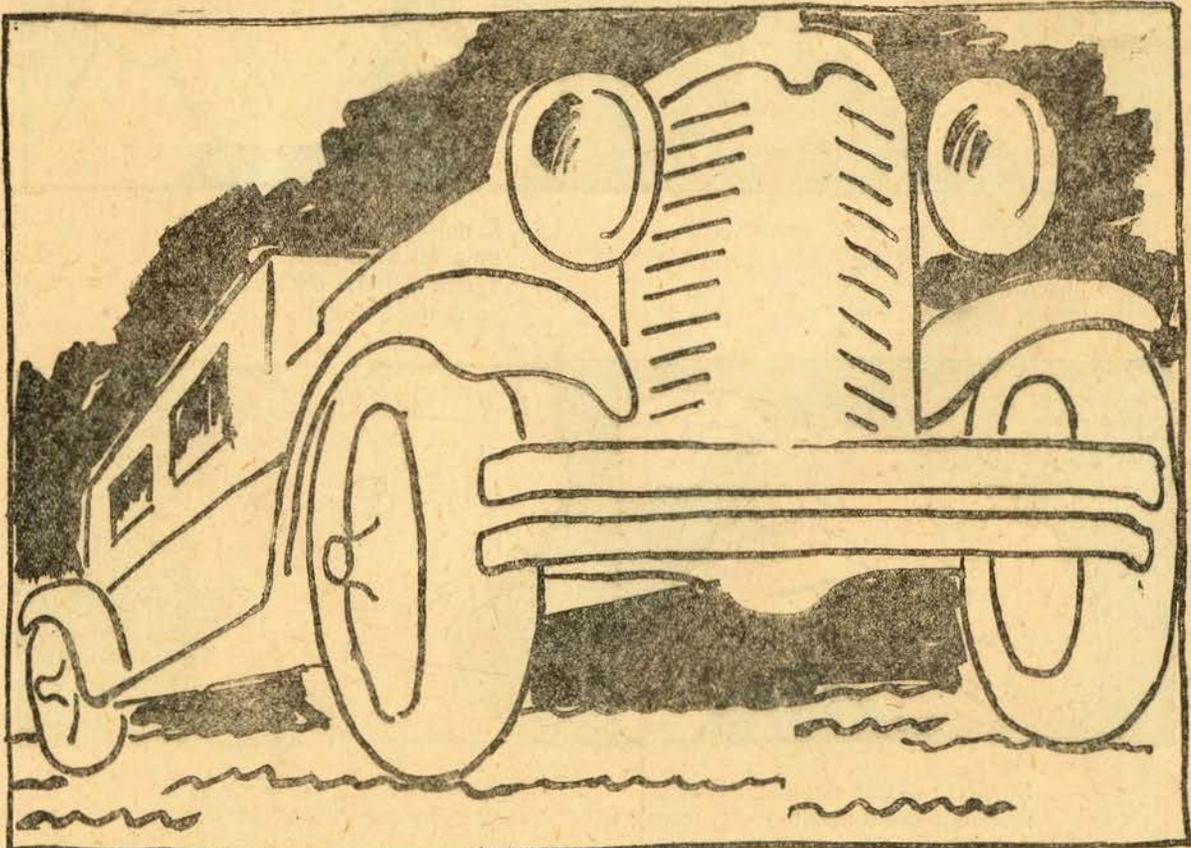
Este menino recebeu uma repreensão do seu professor e por esse motivo está tão triste.

Vejam se descobrem a fisionomia do professor na atitude em que estava quando ralhou com ele.

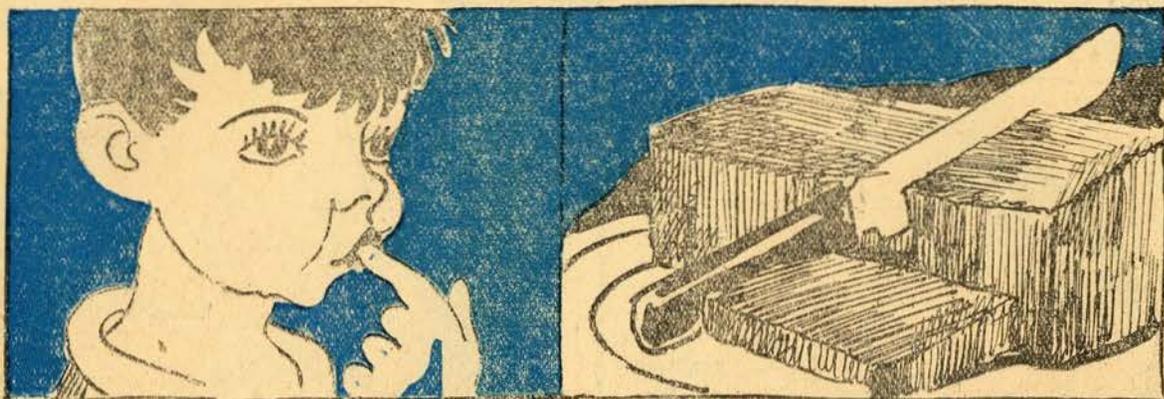
A DIVINHA



PARA OS MENINOS COLORIREM

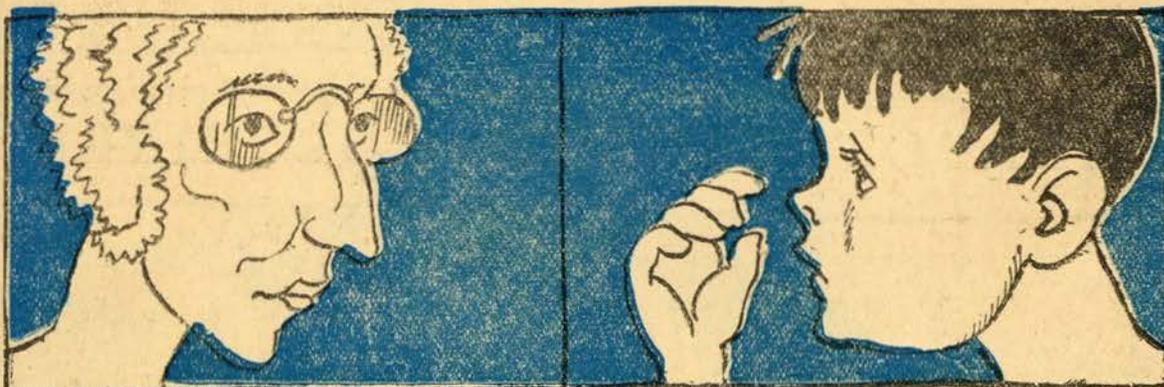


BÊBÉ E A MARMELADA



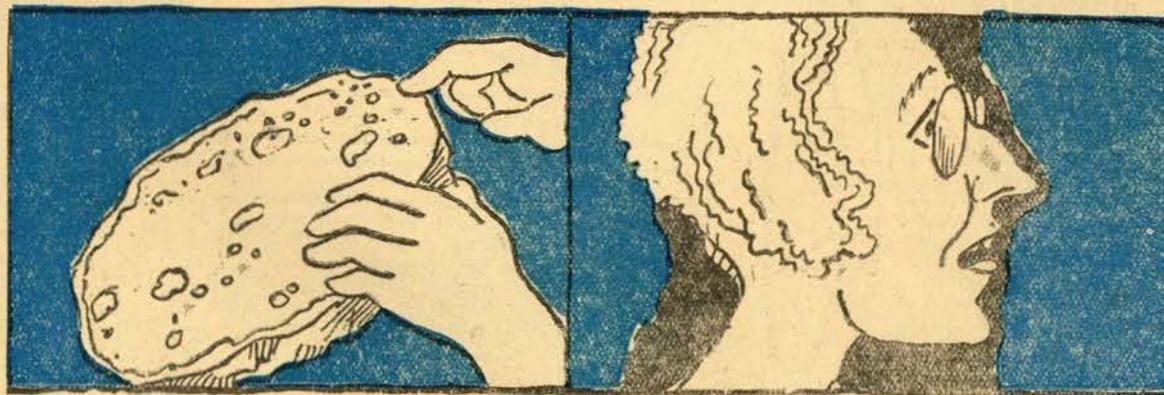
Bêbé, um grande guloso,
é doido por marmelada;
diz mesmo não haver nada
que lhe dê tão grande gozo.

Quando vê que já não come
o seu manjar, logo exclama:
— «ai, é já tão tarde, ó ama,
e eu tenho fome, ai que fome!»



A ama, que óculos usa
porque, coitada, é pitosga,
com a sua verde blusa,
é tal e qual uma osga.

E entrega a ama ao Bêbé
uma fatia de pão;
vendo-a, Bêbé diz-lhe, então,
«que quer' óculos, que não vê...»



Surpresa — que demonico! —
responde-lhe a ama: — «E's louco;
porque dizes que vês pouco?!»
E volve-lhe éle: — «Eu te explico...

Eu vejo o que não desejo;
mas do que desejo, nada!
Por exemplo: — a marmelada
por mais que olhe... não vejo!...»